

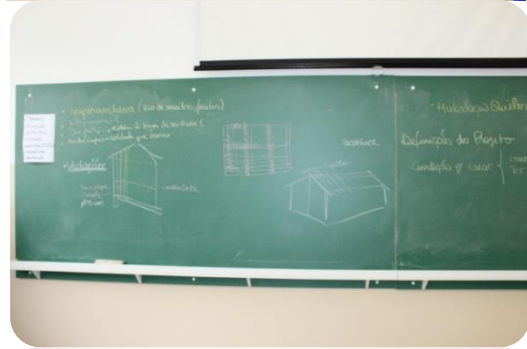
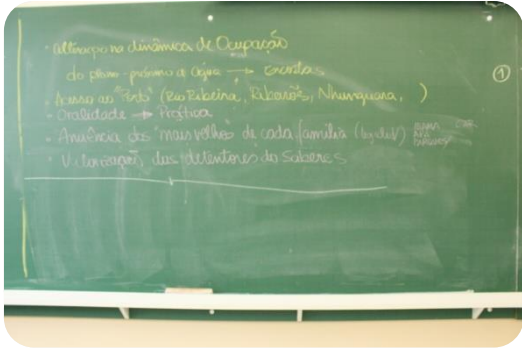
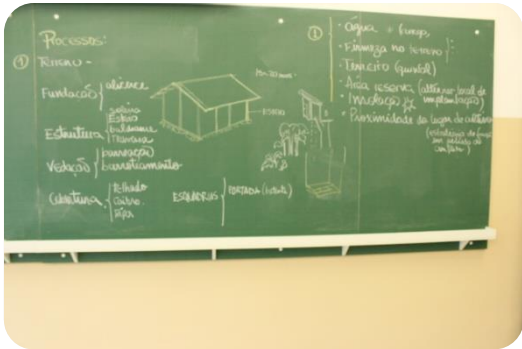
RELATÓRIO FINAL DE AÇÕES/2016- NÚCLEO DE ESTUDOS AFROBRASILEIROS E INDÍGENAS DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA- (NEABI-IFSP). CÂMPUS REGISTRO.

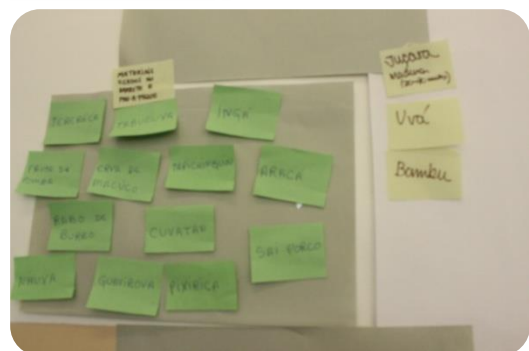
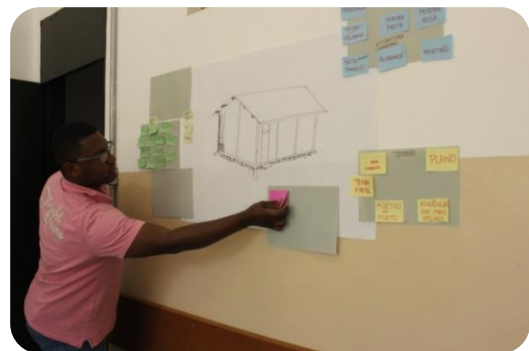
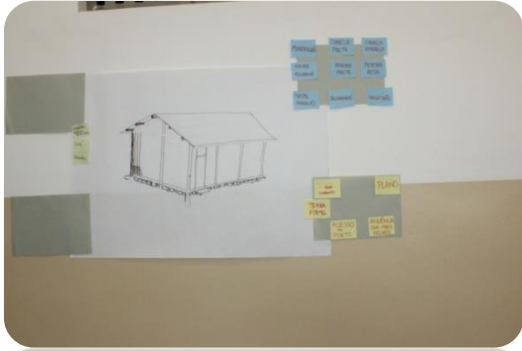
Acompanhamento do Curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) organizado e ministrado pela Prof.^a Dra. Akemi Hijioka abordando o tema “Moradias Quilombolas”, intitulado-se “Habitação Quilombola da Floresta aos Programas Habitacionais”. O curso foi ofertado às comunidades quilombolas da região e contou com seis encontros:

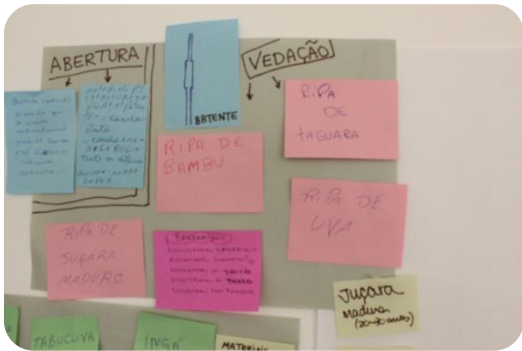
03 de Setembro de 2016 - Abertura, apresentação do curso.



17 de Setembro de 2016 - Moradia quilombola - resgate dos saberes e fazeres tradicionais no contexto do médio Ribeira.







23 de Setembro de 2016 - construções convencionais: projetos, processos, materiais e custos.

01 de Outubro de 2016 - Expedição ao Continente na comunidade quilombola de Nhunguara.





Fogão a lenha de Taipa

14 de Outubro de 2016 - Visitação às casas MCMV na comunidade de Nhunguara conversa com lideranças locais.

15 de Outubro de 2016 - Seminário com assessoria técnica - Usina-Ctah.

05 de Novembro de 2016 - avaliação do curso, encerramento.

AVALIAÇÃO- Curso de Formação Inicial e Continuada- (FIC): “Habitação Quilombola da Floresta aos Programas Habitacionais”.

OBJETIVOS: Os objetivos propostos foram alcançados satisfatoriamente.

PROCEDIMENTOS METODODOLÓGICOS E RECURSOS DIDÁTICOS E MATERIAIS

Quanto aos procedimentos metodológicos e recursos didáticos e materiais utilizados foram eficazes, os temas foram bem divididos, foi possível explorar significativamente cada um, partiu-se do levantamento do conhecimento prévio dos cursistas e introduzindo o conhecimento acadêmico, sempre fazendo interligações com os saberes prévios de modo que os conhecimentos tradicionais fossem resgatados e valorizados ao longo do processo construtivo de ensino e aprendizagem, com adequação da linguagem para facilitar a compreensão.

Segundo Gomez-Granell (1998) o conhecimento cotidiano é desvalorizado frente ao científico, o conhecimento cotidiano por sua vez apresenta variedade de conhecimentos que incorporam características próprias do conhecimento científico. O conhecimento cotidiano desempenha papel relevante na construção do pensamento científico e epistemologias. Se faz necessário dessa forma: (...) “elevantar o conhecimento cotidiano a categoria racional e re-situar o conhecimento científico naquilo que ele tem de cotidiano e humano”. (p.23).

Sugestão: Além das rodas de conversas e discussões, propor um exercício prático ou dinâmicas sobre o tema discorrido na aula e criação de uma mini apostila.

Autoavaliação dos Cursistas

Essa prática é muito eficiente porque o aluno consegue se perceber como corresponsável pelo seu processo de aprendizagem. Ficou evidente por meio da autoavaliação realizada pelos cursistas que o curso foi plenamente satisfatório, surgiu interesse por novos cursos, principalmente com abordagem mais prática e também, outro aspecto em destaque, foi a falta de subsídio para realização do curso. As comunidades são de difícil acesso, dessa forma se faz necessário pensarmos nesta demanda no NEABI, com relação à articulação e captação de recursos para subsídios dos cursos a serem ofertados.

Referências

Gómes-Granell, Carmen. **Rumo a uma epistemologia do conhecimento escolar:** o caso da educação matemática. In. M. J Rodrigo y J. Arnay (orgs.). Domínios do conhecimento, prática educativa e formação de professores. Tradução de Cláudia Schilling. São Paulo, Ática. 1998.

19/10/2016

Mesa Redonda- Educação, Diversidade e Inclusão Social



Apresentação da proposta pelo prof. Msc. Anderson Alves Esteves.

Esta atividade foi desenvolvida pela Equipe Formação Continuada do Câmpus Registro, em parceria com o NAPNE e NEABI, a Mesa Redonda sobre Educação, Diversidade e Inclusão social, mediada pelo professor de Sociologia do Ensino Médio, prof. Mestre Anderson Alves Esteves, teceu reflexões sobre a prática cotidiana escolar que, repensada, deve



Palestrantes discorrem sobre o tema

reconhecer que é preciso atender às diferentes necessidades educacionais que os sujeitos apresentam.

Para ação, foram convidadas pessoas da comunidade externa, bem como alunos e servidores do Câmpus, os quais puderam compartilhar informações sobre diferenças étnicas, de gênero e processos de inclusão social. As palestrantes, Tamara Nepomuceno, mestranda em História na USP SP e servidora do IFSP Câmpus Registro, Maria Elise Baggio Machado Rivas, Doutoranda em Ciências da religião na PUC SP e Vera Regina Fumie Hashimoto, Mestre em Educação e Especialista em Atendimento Educacional Especializado, trataram respectivamente da inclusão de pessoas de diferentes etnias, de diferentes gêneros e com necessidades educacionais específicas.

Esta ação permitiu reflexões sobre a necessidade de o Câmpus promover o desenvolvimento de atitudes de tolerância e respeito à diversidade que está relacionado com o direito à educação, à igualdade de oportunidades e à participação na sociedade.



Participantes atentos às discussões

21/10/2016

Painel: A Vez e Voz das Comunidades Quilombolas.

O principal objetivo desta ação realizada pela Equipe de Formação continuada do Câmpus Registro em conjunto com O Núcleo de estudos Afro-brasileiros e Indígenas- NEABI-IFSP foi realizar discussões sobre as comunidades Quilombolas. Houve a participação de: Andréia Regina Silva Cabral Libório-Quilombo Peropava- Registro Membro da Comunidade Peropava, Pedagoga do IFSP e Membro do NEABI- IFSP; MsC. Kelli Pereira de Oliveira- Identidade e Cultura Quilombola- Servidora do IFSP, Mestre em Políticas Públicas e Membro do NEABI- IFSP; Sr. Francisco Mandira - Quilombo de Mandira Iguap; Sr. Jose Rodrigues - Quilombo Ivaporunduva- Eldorado; Sr. Vандir da Silva- Quilombo Ivaporunduva Eldorado; Sr. Ivo Rosa - Quilombo Sapatu ; Sr. Aurico dos Santos- Quilombo São Pedro – Eldorado; Sr. Oswaldo dos Santos– Quilombo Porto Velho-Iporanga . O Painel foi mediado pela professora Heloísa Santos Molina Lopes.

A temática da apresentação se propôs a trazer um breve relato das comunidades, dos antepassados, das atividades realizadas, identidade e Cultura, Políticas Públicas para a preservação da Cultura Quilombola, Processo de reconhecimento das **comunidades quilombolas. Em como contribuir para reflexões e efetivação de ações que promovam a igualdade de condições, respeito e**

valorização das culturas e diversidades; estruturação de uma Educação calcada em práticas antidiscriminatórias e antirracistas no âmbito das Instituições Escolares.

“A Educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo”. (Nelson Mandela).

Referências

SANTOS, Patrícia Scalli-**RELATÓRIO TÉCNICO CIENTÍFICO**- Fundação Instituto de Terras do Estado de SP “José Gomes da Silva”.2011.

Relatos pessoais dos moradores da comunidade remanescente de Quilombos.



Prof. Ronise Suzuki de Oliveira realizando a abertura do evento.





Pedagoga Andréia Regina Silva Cabral Libório palestrando sobre a Comunidade de quilombo de Peropava.



Membros das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira contando um pouco da sua história e luta pela resistência.



Servidora Kelli Pereira de Oliveira palestrando sobre Identidade e Cultura Quilombola.



Todos os participantes foram premiados com uma linda camiseta que retrata a luta quilombola e o sistema agrícola.

21/10/2016

Racismo e Educação: um Debate Necessário

Esta ação realizada pela equipe de formação continuada em conjunto com a comissão de Semana Nacional de ciências e tecnologia, se propôs ao debate sobre o Racismo na Educação, a palestra foi ministrada pela servidora MsC. Carolina F. Jango, doutora em Educação pela Unicamp, Diretora Adjunta de Relações Comunitárias da Pró-reitoria de extensão do IFSP e coordenadora do Núcleo de estudos Afro- Brasileiros e Indígenas- NEABI-IFSP.



Servidora Carolina F. Jango palestrando Racismo e Educação: um debate necessário.



Participantes atentos ao tema.

21/11/2016

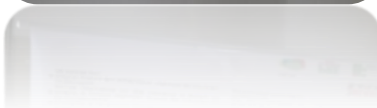
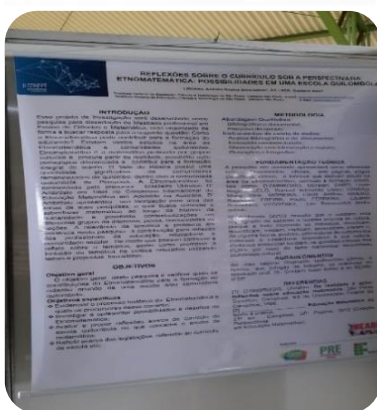
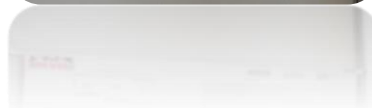
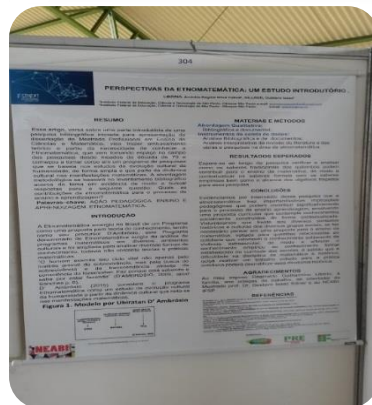
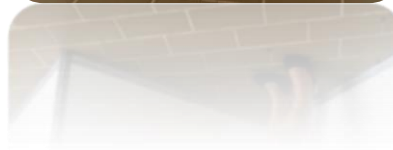
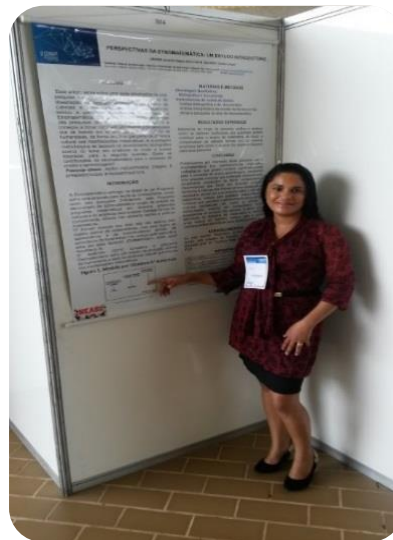
II Congresso de Educação Profissional e Tecnológica do IFSP (CONEPT).

Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo IFSP- Câmpus Registro, Andréia Regina Silva Cabral Libório, participa do II Congresso de Educação Profissional e Tecnológica do IFSP (CONEPT), que ocorreu no Câmpus Votuporanga nos dias 28/11/2016 e 29/11/2016, representou o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI do IFSP apresentando trabalho na modalidade pôster, os trabalhos apresentados intitulam-se: REFLEXÕES SOBRE O CURRÍCULO SOB A PERSPECTIVA DA ETNOMATEMÁTICA: POSSIBILIDADES EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA. O objetivo geral desta pesquisa é verificar quais as contribuições da Etnomatemática para a formação do cidadão oriundo de uma escola e/ou Comunidade Quilombola. E PERSPECTIVAS DA ETNOMATEMÁTICA: UM ESTUDO INTRODUTÓRIO. o objetivo geral dessa pesquisa visa evidenciar o processo histórico da Etnomatemática, quais os precursores desta corrente; bem como investigar e apresentar possibilidades e desafios da Etnomatemática para o processo de ensino e aprendizagem. A Etnomatemática emergiu no Brasil de um Programa de pesquisa como uma proposta para teoria do

conhecimento, tendo como seu precursor Ubiratan D'Ambrósio, este Programa denominado de Etnomatemática surgiu da análise de programas matemáticos em diversos ambientes culturais e foi ampliada para analisar diversas formas de conhecimento, todavia não obstante teorias e práticas matemáticas .

A Etnomatemática foi apresentada pelo precursor brasileiro Ubiratan D'Ambrósio em 1984 no Congresso Internacional de Educação Matemática em Adelaide na Austrália. D' Ambrósio apresentou sua teorização para uma das linhas de suas pesquisas, a qual busca entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade e possibilita contextualizações em diferentes grupos de interesse, povos, comunidades ou nações. D' Ambrósio (2015) considera o programa como um estudo da evolução cultural da humanidade a partir da dinâmica cultural que nota-se nas manifestações matemáticas. Assim sendo, a Etnomatemática define-se como a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de certa faixa etária, sociedades indígenas e diversos outros grupos. É sabido que existem diversos estudos da Etnomatemática do cotidiano, uma etnomatemática não é aprendida nas escolas, mas sim no ambiente familiar, no ambiente dos brinquedos, de trabalho, entre outros. Esse aprendizado se dá por meio das manifestações intrínsecas às relações sociais, ambientais e culturais. Entretanto se faz necessária à valorização desses conhecimentos adquiridos em vivências extraescolares no âmbito escolar, de modo a contribuir para

as relações culturais de cada indivíduo e/ou comunidade. A Etnomatemática traz importantíssimas implicações pedagógicas que podem contribuir significativamente para o processo de ensino aprendizagem ao envolver aspectos que contemplem conhecimentos socialmente construídos de forma contextualizada.



29/11/2016

Articulação juntamente com a Secretaria Municipal de Educação de Registro para viabilizar o transporte a Comunidade do Quilombo de Morro Seco e as crianças no Câmpus Registro na Semana de Diversidade Cultural. Ação organizada pela professora Maria de Fátima das Neves Moreira responsável pelo Projeto: **SABERES E TRADIÇÕES DAS POPULAÇÕES DE QUILOMBOLAS DO VALE DO RIBEIRA** que contou com dois bolsistas do NEABI- IFSP.



Exposição cultural



Roda de conversa com os membros da comunidade de Quilombos de Morro seco.



Visita dos estudantes da Escola Municipal nas dependências do câmpus.

13/12/2016

Organização de Projeto de Ações Universais juntamente com a professora Akemi Hijioaka e Ronise Suzuki de Oliveira.

O Projeto apresentou como objetivos:

1-Levar os alunos do 1ºano integrado de mecatrônica para realizar uma vivência na Comunidade Quilombola de Ivaporunduva.

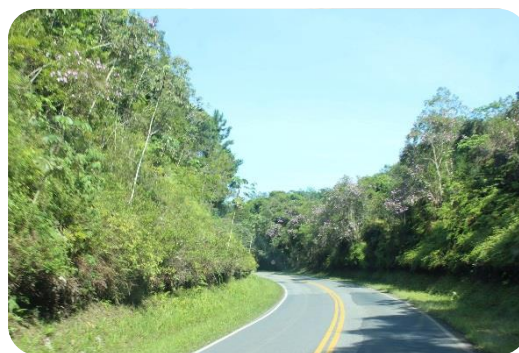
2- Proporcionar os alunos o contato com o modo de vida dos povos tradicionais do Vale do Ribeira

3- Conhecer a história do negro no Brasil e suas influências no Vale do Ribeira

4- Conhecer os sítios arqueológicos da Trilha do ouro

5- Proporcionar os alunos o conhecimento sobre a Mata Atlântica

Durante a vivência na Comunidade Quilombola Ivaporunduva os alunos serão recebidos pelos líderes da Comunidade que farão uma roda de conversas para contar sobre a escravidão no Brasil. Após a roda de conversa os alunos serão levados para uma caminhada na Mata Atlântica com guias que vão apresentando as riquezas escondidas na Mata. A trilha do ouro conta a história da exploração do ouro - Ciclo do Ouro no Brasil que foi na cidade de Eldorado. Nessa trilha os guias contam como era feita a exploração do ouro por meio da escravidão.



Histórias do lugar contadas pelos Membros da Comunidade de Quilombos de Ivaporunduva Sr. Ditão e Sr. Vandr.